

XIV Jornadas de Investigación y Tercer Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2007.

Tiempo libre y adolescencia: posibilidades de sentido.

Marques, Luciana, Howes, Gabriella y Sarriera, Jorge.

Cita:

Marques, Luciana, Howes, Gabriella y Sarriera, Jorge (2007). *Tiempo libre y adolescencia: posibilidades de sentido*. XIV Jornadas de Investigación y Tercer Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-073/178>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/e8Ps/cV5>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

TIEMPO LIBRE Y ADOLESCENCIA: POSIBILIDADES DE SENTIDO

Marques, Luciana; Howes, Gabriella; Sarriera, Jorge
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil

RESUMEN

El trabajo trata de una investigación descriptiva de carácter cualitativo sobre los significados que los adolescentes de clase popular atribuyen al tiempo libre. Participaron de la investigación 120 estudiantes de ambos sexos, entre 12 y 18 años, de Porto Alegre (Brasil). Los resultados fueron obtenidos a través de 15 grupos focales que se destacaron por la variedad y riqueza de sus creencias y los conocimientos sobre el tiempo libre, sus prácticas, así como los sentidos atribuidos a las mismas actividades. Los sentidos están relacionados a las experiencias de los participantes y su complejidad depende de la contingencia contextual, estando interligados entre los diferentes conceptos emergentes. Observamos diferencias entre los grupos de edad con relación a las percepciones de libertad de elección en el tiempo libre. Unas veces el ocio se refiere al desarrollo, siendo un periodo productivo, dirigiéndose a los ámbitos social o personal. Otras veces existe también una percepción del ocio como descanso, a medida en que relacionan tiempo libre con ideas de compensación del cansancio, oriundo de las tareas cotidianas. Observamos diferencias entre los grupos de edad con relación a la percepción de libertad de elección en el tiempo libre.

Palabras clave

Tiempo libre Ocio Clases populares Adolescentes

ABSTRACT

FREE-TIME AND ADOLESCENCE:
POSSIBILITIES OF MEANING

This article is a descriptive research with qualitative character about the meanings that low-class teenagers give to free time. 120 scholars teenagers (male and female), between 12 and 18 years old, living in Porto Alegre (RS - Brazil), took part in the research. The final results of the 15 focal groups identified incongruences between beliefs and knowledge about free time and about teenager's activities, as well as different senses attributed to the same activities in terms of freedom and pleasure. The meanings are related to the participant's experiences and their complexity depends on contextual contingencies, being permeated by the interconnections between the concepts brought up by the teenagers. We observed differences between age groups about the perception of the free time freedom of choice. The leisure may mean development as a productive period in which there are investments in social, cultural and personal context. There's also a perception of leisure as a compensation of work. The usage of free time has a fundamental function in the healthy development and it can only be analyzed and understood based in the mean that the teenager has given to it.

Key words

Free-time Adolescence Leisure Low-class

INTRODUÇÃO

Este estudo é parte de uma investigação mais ampla do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária (Coord. Jorge Sarriera - UFRGS) a respeito do significado e do uso do tempo livre de adolescentes de escolas públicas da periferia de Porto Alegre. Este projeto visa contribuir com parâmetros para a promoção e proteção de saúde permitindo a concretização da intervenção psicossocial através de uma política social comprometida com o desenvolvimento do ócio e do tempo livre. O tempo livre pode ser compreendido como um espaço temporal no qual o indivíduo pode dar vazão às suas expectativas, realizando determinadas atividades e não outras, e estas podem refletir em desenvolvimento pessoal, integração social, descoberta da criatividade e individualidade (Codina, 2002; Zamora, R., Toledo, M., Santi, P. & Martinez, M, 1995). A maneira como o indivíduo desfruta o tempo livre relaciona-se com a conjuntura social, cultural, econômica, ideológica e física na qual está inserido (Cunha, 1987), além de variáveis psicológicas individuais.

O uso do tempo livre por jovens tem sido associado tanto a estímulos de auto-desenvolvimento quanto à violência e condutas de risco (Castro e Abramovay, 2003). Entende-se como fatores de risco eventos de vida que, quando presentes aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar problemas físicos, psicológicos e sociais. Já os fatores de proteção referem-se às influências que modificam, melhoram ou alteram respostas pessoais a determinados riscos de desadaptação (Assis, Pesce e Avanci, 2006).

A fim de compreender a relação entre tempo livre e a realização de atividades que promovam saúde e/ou possam desencadear comportamentos de risco, deve-se analisar a percepção e a avaliação que o indivíduo faz em relação à realidade da qual participa, de suas interações e dos recursos comunitários disponíveis (Argyle, 1993; Fernández, Martín & Muñoz, 1993). A partir de suas escolhas e de como significa o tempo livre, o adolescente pode incrementar seu desenvolvimento pessoal e aumentar o bem-estar psicológico, ou tornar-se mais vulnerável a comportamentos de risco.

MÉTODO

Na pesquisa participaram 120 adolescentes de ambos os sexos de escolas públicas de Porto Alegre-RS; foram 15 grupos focais (8 com jovens de 12 a 14 anos e 7 de 15 a 18 anos).

RESULTADOS

A percepção de liberdade no tempo livre dos adolescentes está atrelada à noção de um tempo em que **não há compromisso** e, portanto, obrigação com a realização de determinada atividade: *"É quando não tem obrigação de fazer nada com ninguém"*. (Escola10 - Grupo 15 a 18 anos). A falta deste comprometimento com algo ou alguém leva o adolescente a também interpretar este tempo como um momento no qual **pode livremente escolher** o que deseja fazer: *"É um tempo para eu fazer o que eu escolher"* (E7 - Grupo 12 a 14 anos). O tempo livre, sendo compreendido a partir da autonomia do adolescente, é ainda significado pela **ausência de controle do meio externo** sobre a ação no tempo livre: *"É a única hora que ninguém manda em mim"*. (E: 3 - Grupo 12 a 14 anos). Além do tempo livre ter sido significado a partir da liberdade de escolha, percebemos o quanto às idéias de satisfação e prazer

estão atreladas à noção de tempo livre. Desta forma, os adolescentes referem que no tempo livre “fazem o que gostam”, ou seja, realizam atividades que lhes proporcionam prazer. A obtenção de satisfação está relacionada tanto a momentos de **interação destes adolescentes com amigos e/ou familiares**, quanto a situações nas quais realizam **atividades de forma individual**. Assim, quando os adolescentes enunciam: “*Me encontro com os amigos, a gente fica conversando, falando bobagem, ouvindo música, jogando computador*”. (E6 - Grupo 12 a 14 anos) e “*Gosto de ficar em casa, escutando rádio, músicas meio antigas*”. (E6- Grupo: 15 a 18 anos) estão subsidiando a impressão de tempo de prazer de forma coletiva e individual, respectivamente.

DISCUSSÃO

Os participantes da pesquisa, por atribuírem significado ao tempo livre a partir da liberdade de escolha inerente a este momento, consideraram que as atividades obrigatórias não são percebidas como tempo livre justamente por serem contrárias à noção de liberdade ou autonomia. Para os adolescentes pesquisados, as atividades escolares assumem este caráter de obrigação.

Segundo Casas e Codina (1998) toda atividade autocondicionada de tempo livre promove a capacidade de auto-organização do indivíduo. Em paralelo, estas atividades também podem adquirir variáveis heterocondicionantes, como os recursos disponíveis, o estímulo e o direcionamento do contexto externo. Cabe ressaltar ainda que esta perda de autonomia imposta pela obrigatoriedade das atividades escolares é relativa, pois no espaço escolar também é possível intervir, sugerir, indagar e se colocar de muitas formas diferentes. Geralmente é através do recreio que a escola oportuniza aos alunos o momento lúdico, de diversão e de descanso. A importância deste momento, no qual há o desenvolvimento, por parte do adolescente, de atividades com pouca orientação dos adultos, é a possibilidade para que se estabeleça a livre expressão da criatividade destes jovens (Puig & Trilla, 2000).

As verbalizações dos adolescentes apontam, que o significado do tempo livre está relacionado com a dimensão temporal, já que os finais de semana e as férias são descritos como momentos vivenciados com muita satisfação, em virtude da maior disponibilidade de tempo e de autonomia para escolher suas atividades. Assim referem que é possível aproveitar ao máximo seu tempo livre, executando atividades cuja realização torna-se inviável durante a semana e ano letivo.

CONCLUSÕES

Constatamos que o tempo livre perpassa pelas questões individuais, porém não podemos deixar de contemplá-lo de acordo com o contexto sócio-cultural no qual o adolescente está inserido. Da mesma forma, verificamos a importância dos recursos ambientais, na medida em que a comunidade forneça uma infra-estrutura que facilite o acesso de jovens de >

Ao investigarmos sobre esta temática, e baseados nos significados que os próprios adolescentes atribuem ao seu tempo livre, é possível pensarmos que mesmo diante de carências financeiras e de investimento social, os adolescentes sabem organizar seu tempo livre destacando sobretudo a interação social que o tempo livre promove nesse grupo pesquisado. Porém também existe um considerável tempo livre que por falta de conhecimentos, por pouca clareza nas metas vitais, por pressões grupais e por falta de oportunidades poderia ter outra configuração em termos de auto-realização e satisfação vital sem ter que recorrer ao exercício da liberdade, a satisfação do desejo e a afirmação pessoal através de expor-se em situações de risco.

BIBLIOGRAFÍA

- ASSIS, S.G.; PESCE, R.P. & AVANCI, J.Q.: Resiliência: Enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre:Artemd. 2006.
- ARGYLE, M.: Psicología y calidad de vida. Intervención Psicosocial, v. 3, n. 6, pp. 5-16, 1993.
- CASAS, F.; CODINA, N.: Infancia, adolescencia y ocio: una experiencia comunitaria afrontando la exclusión social. En: A. Martín (Ed), Psicología Comunitaria: Fundamentos y aplicaciones. Madrid: Síntesis, 1998.
- CASTRO, M.; ABRAMOVAY, M.: Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. Casos em áreas urbanas, Brasil, 2002. Em: ABRAMOVAY, M.: Escola e Violência. Brasília: UNESCO, UCB, pp.17-56, 2003.
- CODINA, N.: El ocio en sistema complejo del Self. En CAVA, M.J. (Ed.) Propuestas alternativas de investigación sobre ocio. Documentos de estudios de Ocio, 20. Bilbao: Universidad de deusto. Instituto de estudios de Ocio, pp.57-72, 2002.
- CUNHA, N.: A felicidade imaginada. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FERNÁNDEZ, A.R.; MARTÍN, V.Z. & MUÑOZ, C.A.: Cuestiones conceptuales y metodológicas en torno del concepto y significado de bienestar social. Intervención Psicosocial, v. 3, n. 6, pp. 17-28, 1993.
- PECHANSKY, F., SZOBOT, C.M. & SCIVOLETTO, S.: Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 26 (Supl.), pp.14-17, 2004.
- PUIG, J.M. & TRILLA, J.: La pedagogía del ocio. Barcelona: Editorial Alertes, 2000.
- UNICEF (2002). A voz do adolescente [On-line] Disponível: <http://www.unicef.br>.
- ZAMORA, R.; TOLEDO, M.; SANTI, P. & MARTINEZ, M. El tiempo libre y la recreación: estudio en adolescentes uruguayos. Em: ZAMORA, R.; TOLEDO, M.; SANTI, P. & MARTINEZ, M. La salud del adolescente y del joven. Washinton: Matilde Madaleno, 1995, pp. 533-544.